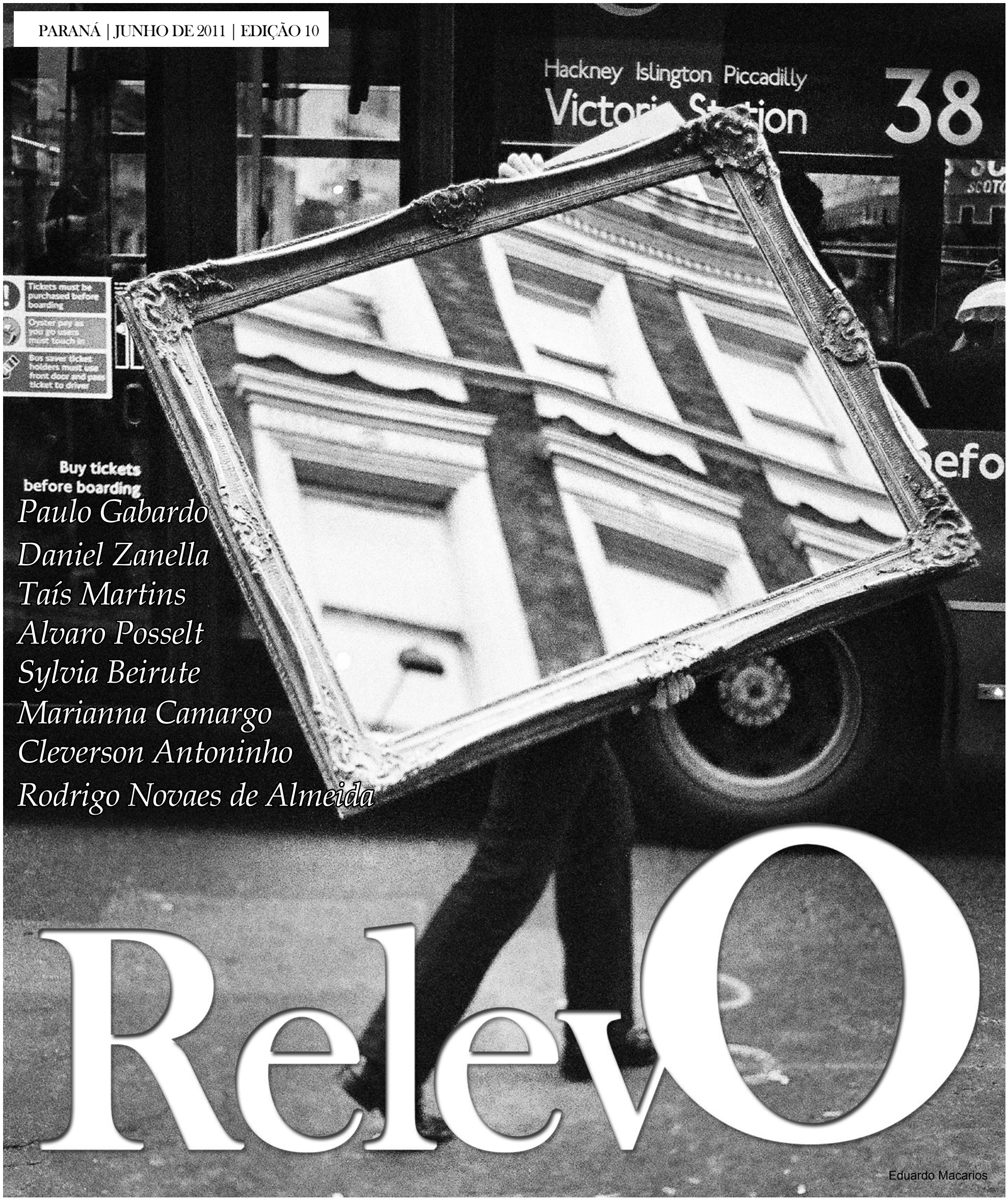
PARANÁ | JUNHO DE 2011 | EDIÇÃO 10



Paulo Gabardo
Daniel Zanella
Taís Martins
Alvaro Posselt
Sylvia Beirute
Marianna Camargo
Cleverson Antoninho
Rodrigo Novaes de Almeida

RelevO

Eduardo Macarios

Editorial

"A escravatura humana atingiu o seu ponto culminante na nossa época sob a forma do trabalho assalariado".

Bernard Shaw,
Em Breviário do Revolucionário

Em uma de suas máximas mais famosas, Mario Quintana afirmou que se o leitor não compreende o escritor é porque um dos dois é burro.

Deixando um pouco de lado o caráter mais clown de Quintana, é possível prescrever uma certa sistemática acerca do que é a crônica e do que ela pretende enquanto gênero.

Em "A Vida Ao Rés-do-Chão", célebre texto de Antonio Candido, um estudioso profundo de literatura brasileira e estrangeira, a crônica é localizada de um modo enfático e pertinente: "A crônica não é um 'gênero maior'. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir um Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. 'Graças a Deus', seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós".

A crônica não é, de fato, um gênero compromissado em demasia com a estética, com a pretensão moral, com algum tipo de literatice específica ou panteões mais elevados. É, sobretudo, um recorte pessoal lançado ao diálogo, incompleto por natureza e sem significado se o leitor não preencher seus vazios intencionais, entrelinhados.

O que não significa que a crônica tenha contrato com o superficial e efêmero - Manuel Bandeira dizia que Rubem Braga era um estilo à procura de um assunto -. Podemos dizer que temos o privilégio de ter em nosso rol de escritores nacionais muitos expoentes , amplificados em pouco mais de mil caracteres diários das páginas de jornal.

E temos muita gente nova e boa escrevendo suas entranhas e lançando suas impressões ao mundo infinito do leitor (e de sua compreensão).

Uma boa leitura a todos.

"ALÉM DE TODAS AS MONTANHAS"

Somos o que somos - sem profissão, idade, nome, corpo -, o que sobra de todos esses pormenores, o que viaja sob todas essas limitações, o que por acaso se realiza, fora de tais formalidades: o que, porventura, resistirá, quando encerrarmos nossas atribuições no mundo humano.

Cecília Meireles

Expediente

Edição: Daniel Zanella
Revisão: Kelly Knopik
Diagramação: Marcos Monteiro e Daniel Zanella
Fotógrafo responsável: Marcos Monteiro
Impressão: Gráfica Helvética
Tiragem: 2000
Edição finalizada em: 08 de junho, 20h.

Contato

Jornal Relevo no Twitter: **www.twitter.com/jornalrelevo**
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para **jornalrelevo@gmail.com**

! *O Relevo, às vezes não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.*

Colaboradores

Cleverson Antoninho
Cursa 5° período de Jornalismo na UP e colabora com o Lona, jornbal-laboratório do curso.

Daniel Zanella
Cursa 3° período de Jornalismo na UP, colabora com impressos e sites da região metropolitana de Curitiba e integra algumas coletâneas de crônicas por editoras independentes. É um dos editores do Lona e publica suas crônicas no endereço letrasnumcanto.com.br

Eduardo Macarios
Fotógrafo, cursa 5° período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica seus trabalhos nos endereços eduardomacarios.com.br e andant.art.br

Marcos Monteiro
Cursa 3° período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica suas fotografias no endereço flickr.com/marcos_fe e textos no endereço disfim.wordpress.com

Rodrigo Novaes de Almeida
Escritor e jornalista, publicou pela Multifoco Editora o livro de contos "Rapsódia" (2009), e pela Mojo Books a ficção "A Saga de Lucifere". Integra o coletivo literário O Bule.

Sylvia Beirute
Escritora portuguesa, estuda cinema e teatro. Integra o grupo literário texto-al: texto-al.blogspot.com. Tem colaborações dispersas em revistas literárias de Portugal, Espanha, Argentina e Brasil. Publica seus textos no endereço sylviabeirute.blogspot.com e é colaboradora do coleitivo literário O Bule.

Marianna Camargo
Jornalista paranaense, trabalha na Revista Ideias. Publica seus textos no endereço mariannacamargo.blogspot.com

Alvaro Posselt
Formado em Letras, professor de Língua Portuguesa, revisor e tradutor. Escreveu "O Haicai em sala de aula", monografia de conclusão de curso de 2007.

Taís Martins
Advogada e professora universitária curitibana.

Paulo Gabardo
Escritor curitibano formado em Economia. Publica seus textos no endereço paulogabardo.wordpress.com

Daniel Zanella

Construção

O trabalho diário no impresso da universidade tem demonstrado algo que nunca soube expressar a contento: o que é, de fato, uma crônica. Sei que não há uma resposta sequer capaz de descrever o que sinto quando triste – já que para ser feliz não é preciso de palavras – portanto, reconheço o limite de meus devaneios.

Para escrever uma crônica genuína, puro sangue, não basta um olhar perante o cotidiano, uma porção vistosa de palavras derramadas ao papel como água da calha, sequer basta intenção.

Ao meu modo singular e magicioso de ver o outro, a crônica é assemelhada com a confecção que existe em uma página de diagramação de jornal. Todo o inventário crítico e afetivo da crônica está ali: o alinhamento necessário e sutil do texto, a distribuição equilibrada de matizes e formas, a engenharia invisível, cansativa e minuciosa dos créditos, chapéus e legendas, a urgência de não deixar nada escapar do conjunto, nada estando sem razão de ser – um certo capricho indivisível, incompartilhável.

Todo dia de manhã, quando folheio o jornal que ajudei a erigir, é como se pudesse agarrar uma alma além do texto redigido. Confiro cada borda, cada espaçamento, constato o que faltou, as ideias que não deram certo, aquilo que parecia que ia ficar ruim e ficou bom, as singularidades do papel do dia...

Uma boa crônica é um pequeno projeto de edifício.

E se o jornal de hoje está em suas mãos, meu irmão, pode ficar tranquilo que amanhã tem outro: tão árduo quanto apaixonado.

[Nessa nossa luta desguarnecida pelo universo perpétuo.]

[Nessa nossa busca por todo o amor que houver no mundo.]

Eduardo Macarios

Eduardo Macarios

Sonoplastia de Seus Olhos

Talvez seja assim:
Uma cena cotidiana simples e casual.
Os personagens, as cores, os gestos, as imagens.
As frases, as sílabas, as letras brotando em cada esquina silenciosa e tímida.
Por fim, você edifica a crônica e lança as suas texturas mais íntimas, reflete-se por detrás de cada linha – sem excessos, sem subir no púlpito – até que o próprio texto diga fim e você se sinta capaz de compartilhar com as ondas desconhecidas os olhos verdes que brilham ao seu lado.

Bar à Luz de Velas

Porque é preciso beber novamente – amanhã também – e esse é um bar sem luz. As mesas redondas de plástico estão ornamentadas com velas caseiras que até conferem uma certa aura de pieguice e excentricidade, mas esquentam consideravelmente as garrafas de cerveja.

As moças estão propensas à melancolia hoje, a desvelar intensamente o universo complexo e particular onde pais, mães e filhos são estrangeiros. Ouço-as com empenho, quase nada tenho a dizer e tento imaginar o que pensam os quatro homens da mesa ao lado que bebem silenciosamente. [Embora a solidão não seja necessariamente de natureza silenciosa.]

A luz volta. O dono do bar recolhe as velas, carrega as garrafas vazias.

E o mundo prossegue em seu comboio de cordas.

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL
Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial
Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895
Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2° andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

Pensamentos

Paulo Gabardo

Pensamentos – 1
É um alento saber que entre os pingos de água não chove.

Pensamentos – 2
Em defesa de nossos interesses buscamos empatia nos vitimando, como Cândido. Somos capazes de proferir os piores insultos ao nosso algoz. Certos de sua injustiça, nos comparamos aos mais desumanos dos humanos. Porém, tão logo tenhamos sucesso, amainamos e voltamos a propagar a racionalidade para dirimir os conflitos dos outros. Isto não só é uma constatação de nossa mesquinharia, como é uma injustiça aos que verdadeiramente sofreram atrocidades e foram tolhidos de suas mais essenciais necessidades.

Pensamentos – 3
Somos escravos de nossas posses. O carro só anda porque nos submetemos a dirigi-lo.

Pensamento – 4
O paradoxo do silêncio é ser tranquilo ou tenso, ao sabor do que se cala.
Por vezes quero falar e não consigo…
Por vezes não quero falar e consigo…

Pensamentos – 5
A impossibilidade do comunismo é que, mesmo entre seus entusiastas, há quem prefira mais sal na comida e, entre estes, os que julgam merecê-lo.

Pensamentos – 6
Em geral, se você é um mamífero bípede com capacidade cerebral superior a de outros animais, diz-se que é humano, ao menos no sentido anatômico. Ser humano é humanista, mas não, necessariamente, humanitário. Para isto é preciso mais do que nascer homem.

Pensamentos – 7
A metalinguagem aplicada à metafísica é um espírito com crise existencialista – quem sou? de onde vim? pra onde vou?

Pensamentos – 8
A existência, para se justificar, criou um ser capaz de catalogar perguntas e respostas, mais das primeiras do que das últimas.

Pensamentos – 9
Translação é uma daquelas mentiras que ouvimos na infância, como papai noel, coelho da páscoa e solidariedade. Com o tempo, adquirimos a certeza de que o mundo não gira em torno do sol, mas dos nossos problemas.

Pensamentos – 10
Para não ser internado num manicômio, traduza seus pensamentos para uma linguagem corriqueira e os insira em conversas despretensiosas. Não há maior censura que a normalidade.

Pensamentos – 11
Ninguém está muito certo do que fez, do que faz ou do que deve fazer. E chamam de liberdade de escolha.

Pensamentos – 12
Qualquer semelhança não é mera coincidência, é influência.

Pensamentos – 13
O amor não tem limites, por que o humor deveria ter?

Pensamentos – 14
Não se iluda com regras de comportamento politicamente corretas. Intolerância é intolerância, não importa se usa uniforme militar, terno e gravata ou batina.

Pensamentos – 15
Paradoxo é achar que a afirmação da diferença é o que combate a discriminação. Ao invés de resolver o conflito, acaba por agravá-lo.

Aquela Menina

Taís Martins

Sentei na calçada
Para apreciar o entardecer
E uma onda de sentimentos
Invadiu meus pés
Fazendo meu espírito
Correr pela rua
Com os cabelos tocando as costas.
Reverbero meus sonhos de menina
Sentindo meu corpo inerte,
Mas nem sempre é preciso levantar
Para alcançar uma estrela.
Aperto os olhos
E ainda é possível
Ver aquela bola vermelha
Que repicava nos portões
Das vizinhas chamando
Para uma nova brincadeira.
O cheiro das árvores da minha rua
Ainda é presente nos meus pulmões
E o sabor da infância
Adentra cada músculo do meu corpo.
Repentinamente as lágrimas mornas
Descem do meu rosto e um por-do-sol
Na primeira despedida na praia
Eternizou para sempre
Aquela água salgada e quente
Dizendo adeus aos meus calcanhares.
E como o despertar de um sonho
Levanto e sigo meu caminho
Retomando meu trabalho
E a atribulada vida que escolhi

Haicais / Senryu

Alvaro Posselt

Roupa no varal
O beija-flor tenta bicar
grampos coloridos

Brisa da manhã
O olhar é mais lento
que o carro de bois

Tarde no jardim
Desprende-se do galho
uma borboleta

Sentado no banco
O gato finge
que é uma esfinge

Brilho da lua
refletido na parede
A silhueta da amada

Acabei de chegar no bar
Se o mundo vai acabar hoje
então vai ter de esperar

Brisa matutina
O voo da gaivota
paralisa as nuvens

Eduardo Macarios

Pensamentos

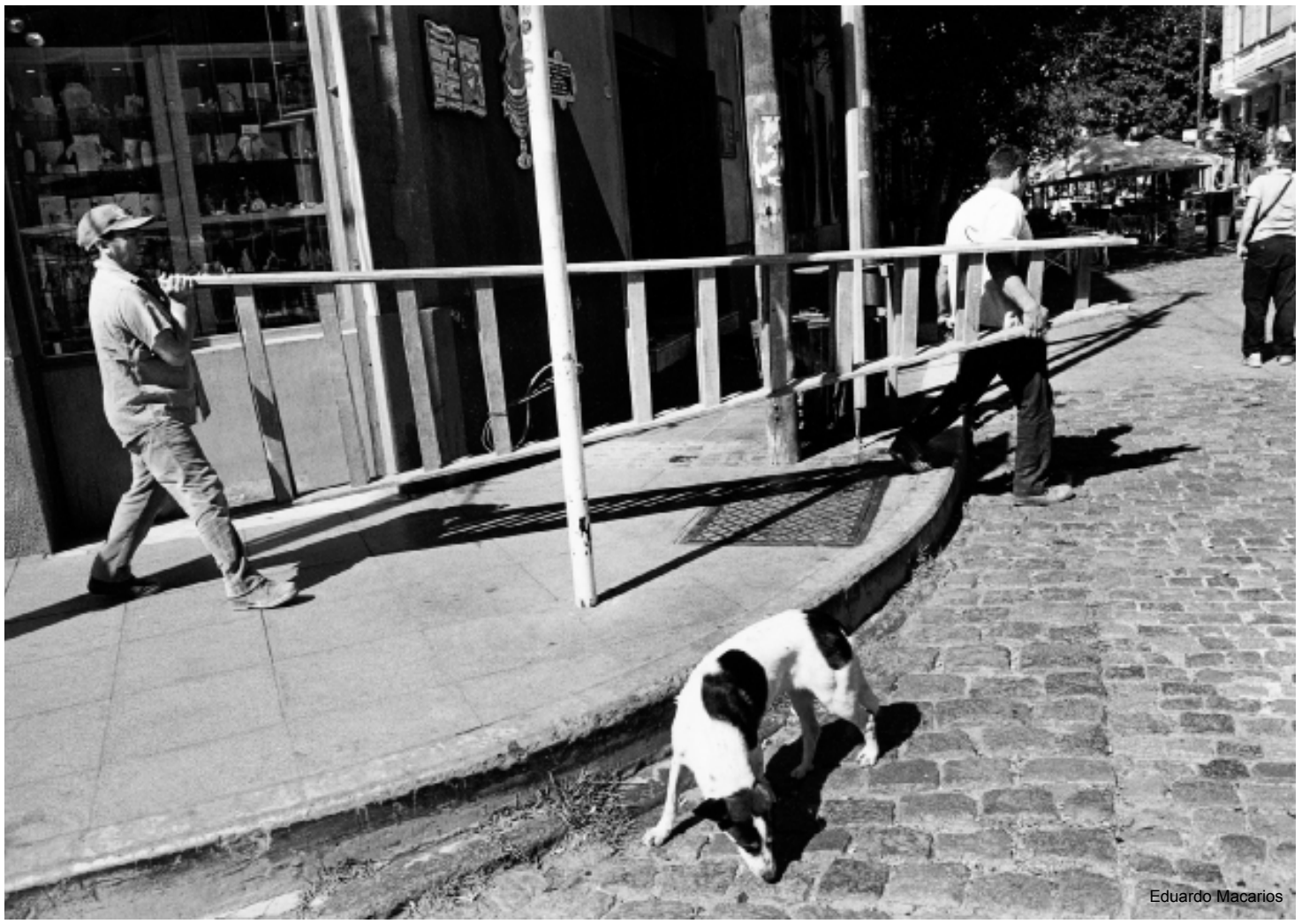
Sylvia Beirute

não escrevi um livro em miniatura sob uma lupa falsa.
não pedi qualidade aos clássicos.
não pretendi reparar a eficácia de qualquer sistema humano.
não endossei poemas porque os poemas não são cartas.
não tenho um cativeiro de poetas.
não visitei cidades-poema.
não segui preceitos que se vejam.
não azuleci por pertencer ao céu.
não tive ilusão e coragem para crer na desistência.
não escrevi que o fingimento pode ser um ódio com casca.
não tenho maneiras puramente estéticas.
não tenho processos literários.
não tenho dois corações.
não li masaoka shiki ou matsuo bashō.
não li a crítica para não perder a liberdade e o meu dom impreparado.
não peguei no tempo e o atirei para dentro do corpo como células estaminais.
não escrevi sobre a revolução industrial.
não respeitei o meu passado enquanto índice temático.
não estimulei diagnósticos de subtileza grosseira.
não recuperei emoções com a cabeça.
não coloquei questões delicadas no campo da poesia suprema.
não transferi permissões de mim para mim.
não imaginei versos paralelos para prender significados.

Uma carta para elas

Marianna Camargo

Crônica publicada orginalmente na Revista Ideias, edição 115.


Eduardo Macarios

Quando tinha 13 anos comecei a pensar que gostaria de ser escritora. Havia desistido da ideia de ser coreógrafa, ginasta ou jogadora de xadrez. Comecei a perceber que a maneira como melhor me expressava surgia quando me via diante de uma folha branca.

Todos os pensamentos, planos e segredos, eu marcava no papel. Gostava tanto que quando não havia onde escrever, era na pele. Talvez por isso meu gosto por tatuagens.

Lia Sartre, Octavio Paz, Cecília Meireles, Agatha Christie, Rubem Fonseca, Drummond. Não era muito comum uma menina de 13 anos ler estas coisas. Mas a única coisa que sentia falta era alguém para compartilhar essas experiências. Que veio antes, desde pequena, quando aprendi a ler, e por minha sorte, na casa de meus avós no interior do Paraná, havia uma biblioteca imensa, alta, de madeira, com todos os livros possíveis. Lá, li a obra completa de Monteiro Lobato, descobri outro mundo nas Reinações de Narizinho, A Volta ao mundo em 80 dias de Julio Verne, os contos dos Irmãos Grimm e as enciclopédias de medicina ilustradas de meu avô, médico apaixonado pelo ofício. Vivi dois mundos antagônicos até os cinco anos de idade. Eram os viadutos de São Paulo, com sua cinza paisagem, mas que me fascinavam, ou a terra vermelha e a natureza exuberante da casa de meus avós. Vivia esse antagonismo com alegria e curiosidade. Sempre atenta ao que vinha pela frente.

Como toda menina de 13 anos, comecei a fazer um diário. Lá, escrevia o que sentia, o que gostava, o que aconteceu no dia. Era uma espécie de amigo, confidente. Passei a ter depois um caderno, que tenho até hoje, com poesias que comecei a escrever. Até hoje secretas. Reinventava meu mundo todo dia, a toda leitura, a cada história, a cada palavra.

Era um universo mais palpável, já havia delineado um desenho do que me atraía, do que gostava, do meu caminho. Todavia, quantas possibilidades. Fiz várias coisas antes de me entregar à escrita plenamente, pois precisava experimentar outras formas de expressão. Algumas por sobrevivência, de modo feroz, outras por prazer, quando podia.

Percebi que o que sou hoje foi definido por aquela menina de 13 anos, que lia e escrevia sem parar, que inventava todos os dias o seu mundo, que ficava ao fim do dia com a pele rabiscada de caneta azul e a sola dos pés vermelhos de andar descalça pela terra.

Foi por isso que no dia 7 de abril, dia que comemorava ser jornalista pela felicidade de fazer o que gosto, foi por contradição um dos dias mais tristes que tive. Foi o dia que me chocou por ver todas aquelas crianças, na maioria meninas, mortas de uma maneira atroz. Fui um pouco elas aquele dia, morri um pouco. Dor avassaladora, cruel, paralisante. Pensar que com essa idade minha percepção do mundo começou a definir-se, que tinha pela frente tantos sonhos. Sonhos que consegui realizar. De repente, para 12 crianças, tudo se partiu, acabou.

É para essas crianças que são um pouco de mim que dedico esta crônica, como uma maneira de continuidade dos seus sonhos, seus planos e seus futuros interrompidos drasticamente. Como uma possibilidade digna de final, me recolho à escrita, ao mundo que gostaria de compartilhar com elas.

Lulli
PAPELARIA
Fone: 41 3642 1033
Rua Coronel João Xavier, nº682, Centro - Araucária - PR
vendas@papelarialulli.com.br - www.papelarialulli.com.br

LIVROS COM DESCONTO
Compre seu livro técnico ou literário por bem menos do que é cobrado nas livrarias!
Solicite orçamento por email:
livroscomdesconto@hotmail.com
ou ligue para 41 3031-5254 / 9916-3981
http://twitter.com/_Livros

O Relógio

Cleverson Antoninho

Ela está triste comigo. O gato dela sumiu. Minha garota não é mais tão feliz, tudo porque o gato dela sumiu. Existe uma teoria antiga de que as casas possuem o seu teto com aproximadamente três metros de altura devido aos espíritos. Basicamente os espíritos são constituídos de algo menos denso que o corpo humano e por isso eles tem mais volume. Logo se você tem 1,5 metros e 80 quilos distribuídos pela referida altura, o seu espírito terá uns 2,8/3metros e uns 160 quilos de dimensão. Agora toda vez que eu vejo a minha garota triste devido ao sumiço do gato, eu vejo também um gato com o dobro do tamanho, unhas compridas mais do que já eram, um olhar perfurante e calafrios na alma. Se é que isso existe. A alma.

Meu avô era um cara muito sábio, um dos ditados favoritos dele era o seguinte "mulher feia e urubu comigo é na pedrada". Acho que deu pra você ter uma ideia do quão sábio ele era. Odeio gatos.

Voltando para a minha garota. Ela sempre odiou cachorros. Não era questão de odiar, era fobia na verdade. Ela ficava sem respirar diante de um inofensivo poodle. Tinha pavor mesmo. De me apertar forte o braço e ir para trás de mim quando aparecia algum cachorro. Tivemos algumas discussões no começo do relacionamento, porque eu zombava dela - sempre adorei cachorros e os via como animais inofensivos e absurdamente companheiros - e diante da minha zombaria ela reclamava, dizendo que pavor era algo subjetivo, pessoal, próprio e que eu não tinha o direito de menosprezar o medo dela perante os cachorros. Pressuponho eu o quanto não preciso decorrer sobre achar de isto uma frescura sem limites. Mas continuo achando o meu pavor de altura algo muito válido e pertinente.

Quando eu tinha 13 anos de idade, meu avô me deu um relógio. Preto, emborrachado, com ponteiros grandes, resistente à água. Deixe-me lhes explicar o termo resistente a água. Funciona assim, resistente à água pode molhar na chuva, lavando louça, em uma piscina ou nadando em rios e mares sem ir muito ao fundo. Não pode tomar banho em água quente com ele, ou o vácuo do ar ou da água (não sei) pode passar pelo visor do relógio, atingir a parte elétrica ou sei lá como se chama a parte do relógio que funciona a pilha e estragá-lo. O à prova de água pode ir até no inferno e ele não irá estragar. O meu era resistente à água. Não à prova. Odeio gatos.

Odeio mesmo, de verdade. Bicho inútil, vadio, sem vergonha. Não demonstra empolgação pra nada, só quer saber de comer, beber e dormir. Sabia que um gato dorme 20 horas por dia? Não sei se é bem isto, mas deve ser próximo. O cheiro de um gato já é o suficiente pra que eu o odeie. Com todo o meu maldito coração. E acrescente maldito nisto.

Meu avô morreu há vinte anos, o relógio que ele me deu estava a exatos 78 anos na família. Ele não o deu ao meu pai porque ele não sabia quem era o meu pai. A filha dele e minha mãe, era mãe solteira. Ou do espírito santo. Amém.

A minha garota ouve Radiohead no volume máximo agora, e diz que sente falta do gato, que ele estava com ela há mais de 10 anos, o dobro do tempo que ela estava comigo. O quíntuplo do tempo que eu moro com ela. Em dois anos eu e o gato nunca fomos muito chegados. Quando ela viajava eu ficava sem dar comida pra ele na esperança de que ele morresse. Nunca deu certo. Queria tanto um cachorro. Nunca seria possível. Mas tinha que aturar o gato.

Antes de o gato sumir, a minha garota me pediu o relógio emprestado. Pra calcular o tempo que cada remédio devia ficar sobre a pele do bichano. O gato estava com sarna e se lembro bem do que ela me explicou, era preciso dar um banho nele com produtos acaricidas ou loções tópicas. Frescura. Se fosse um cachorro, era só jogar óleo de motor nas sarnas e esperar secar. Cachorro é bicho bom. Nunca pude ter um cachorro desde que comecei a morar com ela. Ela colocou o relógio no pulso e foi cuidar do sarnento.

Agora é o momento em que ganho toda a razão de ti, leitor. Sobre gato ser um bicho maldito. E inútil. Onde já se viu neste mundo ou em qualquer porra de outro mundo possível existente se dar banho em bicho com água quente? Veja bem, não que ele não mereça. É só que é desnecessário. Sem lógica. Mas nãااão... A minha garota pesquisou na internet, que o gato era sensível, que tinha que ficar de molho com os produtos e com a água quente. Que tinha que ter carinho, afeto e um cabo de vassoura enfiado bem no meio do cu. O relógio pifou.

Meu avô, além de me dar o relógio, me ensinou muitas coisas. Uma delas é que os antigos senhores do café quando tinham um tesouro pra esconder, escolhiam sempre o escravo de maior confiança pra enterrar o tesouro em questão. Iam pra algum lugar afastado, faziam o escravo cavar, colocar o tesouro lá embaixo e então lhe acertavam o peito esquerdo com um tiro de bacamarte certeiro. Empurravam o escravo pro buraco junto com o tesouro e enterravam o tesouro e escravo juntos. Assim o escravo não contaria pra ninguém o lugar do tesouro e também protegeria o tesouro de qualquer ladrão. Com o espírito. Que é menos denso que o corpo e tem maior volume.

Os primeiros dinossauros eram do tamanho de um gato, um pouco maior. Mais volume. Algumas pegadas com cerca de 250 milhões de anos foram descobertas na patagônia. Cientistas constatam que o Prorotodactylus tinha uma passada similar a do gato, estrutura óssea similar e tamanho similar. O que estou explicando é que os primeiros dinossauros não são associados a répteis, ofídios, anfíbios ou qualquer coisa íbios. Mas sim associados aos gatos.

Agora toda vez minha garota toca o Radiohead em volume máximo, e imagina que o gato está ali no canto da sala, perto do puff onde fodíamos tardes inteiras e agora já não fodemos desde que o gato morreu. Fodíamos de noite também.

Eu vejo minha garota chorando pelos cantos, mas também vejo o gato, do tamanho de um dinossauro, do primeiro dinossauro. Maior que um gato normal por ser menos denso e consequentemente mais volumoso. Algo próximo do primeiro dinossauro. Ele é branco, olhos claros, e olha pra mim. Sempre. Desde a primeira vez que eu o vi assim, desde quando o enterrei, junto com o relógio. Esqueci de dizer que o matei estrangulado enquanto minha garota viajava? A princípio era ódio, e uma culpa que tive que jogar sobre ele, pra justificar que a minha garota pifou o relógio na água quente. Ao dar banho nele. Esperava que ele morresse e ficasse ali, enterrado, cuidando do relógio. Poético, não?

A primeira vez que o vi, senti um susto e aperto no coração. Todas as vezes posteriores também. Era algo além do que eu considerava possível. Não que eu considerasse possível ele em espírito cuidar do relógio enterrado. Só esperava que ficasse ele e o relógio ali no quintal, a sete palmos de terra e que nunca mais me incomodasse com isto. Mas desde então eu tenho o visto, e sinto palpitações, tontura, dores no peito. Como se a minha alma me estrangulasse. Ou o próprio gato o fizesse. Chegando em casa agora, no portão, ouço o Radiohead tocando alto e olho pras minhas mãos, um atestado. Pensava que tinha Deus e o sentia fortemente no meu coração. Mas hoje descobri que é um tumor maligno. Provocado por susto, palpitações, pavor. Gato.

Informações e Matrículas
41 3642-3802 / 3552-1231
colegio@joaopaulo1.com.br

COLÉGIO
João Paulo I

O MELHOR ENSINO

Educação Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Médio
EJA - Fundamental e Médio
Eletrotécnica
Meio Ambiente
Segurança do Trabalho
Administração
Logística
Qualidade

www.joaopaulo1.com.br
Rua Adilha Saad, 981 - CEP 83703-140 - Porto das Laranjeiras - Araucária - PR

Crônica de Almanaque

Rodrigo Novaes de Almeida

Em 711, os mouros derrotam Roderico, o último rei visigodo, e ocupam toda a Península Ibérica à exceção de Astúrias, que se torna o foco da reconquista cristã. Li isto no Almanaque Abril de 1988. Passei uma tarde de domingo folheando o calhamaço de papel ruim que estava esquecido até então durante anos – e bota anos nisso – na minha estante.

Outro dia, fui ao centro do Rio e voltei com um novo cordel para a minha coleção. Ao custo de um real, essas maravilhas da nossa cultura. Sempre que vou ao centro ou a Copacabana e vejo uma feira de livros ou um sebo dando sopa, procuro e compro um cordel. A nova pérola de estimação chama-se Arquimedes – O maior dos sábios da Antiguidade, de Gonçalo Ferreira da Silva. Tem um trecho assim: "Arquimedes enviado / por luminosos arcanos / quando pobres eram os / conhecimentos humanos / antes de Cristo, duzentos / e oitenta anos".

Em 843, o Tratado de Verdun divide o Reino Carolíngio em três estados separados: as futuras França, Itália e Alemanha.

Outro dia, caiu em minhas mãos e curti muito NÓS – Dream Sequence Revisited (HQ da Balão Editorial, 2010), de Mario Cau (www.mariocau.com). Trata-se, como a própria quarta capa do volume diz, de uma experiência narrativa com imagens apenas. E vem com um CD motion comic.

Em 962, o Sacro Império Romano Germânico une a Itália à Alemanha; só desaparecerá em 1806, quando Francisco II renunciar à coroa.

Outro dia, encontrei a seguinte sentença em um antigo caderno rosado Ginasial® da Casa Cruz: "Eles vieram de Thebel e tomaram para si as nossas mulheres. Sobreveio, então, a doença do esquecimento e seus filhos não sabiam mais como retornar à casa de seus pais".

Marcos Monteiro

Em 1139, no segundo Concílio de Latrão, passa a ser obrigatório o celibato para o clero.

Outro dia, abri Contos de aprendiz, de Carlos Drummond de Andrade, e li "A salvação da alma".

Em 2011, aos nossos irmãos árabes, dizemos:

As-salaamu alaikum.